

Berlinale  
**68** Internationale  
Filmfestspiele  
Berlin  
Competition

SELECÇÃO OFICIAL  
EM COMPETIÇÃO  
**LEFFEST**  
LISBON & SINTRA  
FILM FESTIVAL 2018

**FRANZ ROGOWSKI**  
**PAULA BEER**

# EM TRÂNSITO

UM FILME DE CHRISTIAN PETZOLD

DOSSIER DE IMPRENSA

LEOPARDO  
FILMS

Co-funded by the  
European Union



WWW.LEOPARDOFILMES.COM



FRANZ ROGOWSKI  
PAULA BEER

# EM TRÂNSITO

UM FILME DE CHRISTIAN PETZOLD

Transit | 2018 | Alemanha | 101 min | M/12

**ESTREIA 24 JANEIRO**

DISTRIBUIÇÃO: LEOPARDO FILMES

**LEOPARDO**  
FILMES

Co-funded by the  
European Union



WWW.LEOPARDOFILMES.COM

*They say those who were left never forget. But it's not true. They have the sweet, sad songs.  
Pity is with them. Those who leave, no one is with them. They have no songs.*

*Dizem que aqueles que foram deixados nunca esquecem. Mas não é verdade. Eles têm as canções mais doces e tristes. A compaixão fica com eles. Aos que partem, com esses ninguém fica. Esses não têm canções.*

## SINOPSE

Transit decorre em Marselha, num imaginário histórico marcado pela ocupação alemã e é baseado no livro homónimo de Anna Seghers, o romance preferido do cineasta onde certos cidadãos do outro lado do Reno, como Georg, precisam de fugir do continente, de barco, para escapar ao regime. Na cidade de Marselha, Georg espera obter um visto e, como tantos outros, espera e vagueia sem propósito.

O seu caminho vai cruzar-se com o de um escritor que cometeu suicídio e cuja identidade Georg assume.





★★★★★ POSITIF

« O estado de alerta permanente, a fragilidade a todo o instante...  
voilà o grande sucesso de *Transit*. Uma fragilidade bela e grave  
que transcende o seu rigor formal. »

VINCENT THABOUREY

★★★★★ OUEST FRANCE

« A jovem actriz alemã que, a preto e branco, iluminou *Frantz*  
de François Ozon em 2016. Um talento explode *Em Trânsito*, filme  
do seu genial compatriota Christian Petzold. »

CHRISTELLE GUIBERT



## NA ESTRADA PARA LUGAR NENHUM COM CHRISTIAN PETZOLD

*Transit*, o novo filme do realizador de *Barbara* e *Phoenix*, adapta aos nossos dias um romance sobre a Segunda Guerra Mundial. Petzold explica como foi adaptar um dos seus livros de referência.

"Ao que se diz, Alfred Hitchcock terá dito que só se podem fazer filmes a partir de maus livros e eu acho que ele tem toda a razão." Então se concorda com o seu "mestre", porque é que Christian Petzold, o autor de *Barbara* e *Phoenix* e o mais importante cineasta alemão dos nossos dias, se decidiu a adaptar ao cinema *Transit*? Um romance da escritora alemã Anna Seghers (1900-1983), que diz ser não apenas uma das grandes obras da literatura, mas um dos seus livros preferidos?

A resposta, perante uma mesa redonda de jornalistas num recanto do Berlinale Palast num fim de tarde de Fevereiro, é mais complicada do que parece. Está intimamente ligada à longa colaboração entre Petzold (n. 1960) e o falecido Harun

Farocki (1944-2014), seu mentor, professor na Academia de Cinema em Berlim e co-argumentista ou consultor de guião em todos os seus filmes. *Transit* foi o "livro de referência" de todas as suas colaborações, como explica o cineasta: "Definimos desde muito cedo algumas regras de base. Uma delas era que todas as personagens nos nossos filmes teriam sempre de estar em trânsito, em movimento, e que teríamos de ter sempre duas histórias diferentes que tinham de se interligar e contrabalançar uma à outra. Mas nunca tínhamos pensado fazer um filme a partir do livro. Teria sido absurdo tentar interpretá-lo directamente. A única coisa que podia fazer era tentar colocar no filme a mesma paixão que senti enquanto o lia."

*Transit*, que esteve a concurso no festival de Berlim este ano e faz parte da competição do LEFFEST, e que chegará daqui a algumas semanas às salas portuguesas, é o "ponto de chegada" de 30 anos de cinema – o

primeiro filme de Petzold após a morte de Farocki, e também o último em que ainda trabalharam juntos. E apesar de se basear num romance publicado em 1944, sobre as experiências dos exilados que procuravam fugir à Segunda Guerra Mundial, não é um filme de época: mantendo Marselha como cenário, Petzold transpôs a acção para os nossos dias, mas de forma indeterminada, com carros e cenários modernos mas sem telemóveis nem computadores.

“Antes do Harun morrer, decidimos tentar adaptar *Transit*,” explica Petzold, “e escrevemos um primeiro tratamento. Mas eu tinha acabado de rodar *Phoenix*, que era um filme de época, e não tinha vontade absolutamente nenhuma de fazer outro logo a seguir. Decidimos adiar o projecto. O Harun morreu uma semana depois. E agora vou dizer uma coisa um bocado pirosa,” ri-se. “Como no filme de John Ford sobre Abraham Lincoln, *A Grande Esperança*, fui à campã do Harun e pus um galho em cima da pedra, e disse a mim próprio que se o galho caísse para a esquerda fazia uma adaptação de época e se caísse para a direita situava o filme no futuro. E depois o galho caiu para a direita... com alguma ajuda minha!”

Então e a questão dos refugiados? pergunta uma jornalista. *Transit* é uma história de gente que procura fugir à guerra (qual, nunca se saberá), gente vinda de toda a Europa que procura um visto para partir de barco para um país que os aceite, e das relações que se criam entre eles durante o limbo da espera. A transposição da trama para os nossos dias leva a uma curiosa inversão da questão dos refugiados: onde o ponto de fricção contemporâneo está em deixar entrar aqueles que fogem à guerra, o filme coloca os europeus a quererem sair e a verem-se na posição do outro. Mas Petzold, aceitando que *Transit* é um filme do seu momento, diz que não precisou de sublinhar a questão a traço grosso, evocando a própria história dilacerada da Alemanha do século XX. “Temos uma Lei

de Base que declara que todos aqueles que sejam refugiados por motivos políticos, religiosos, de sexualidade e por aí fora receberão asilo na Alemanha,” diz. “É uma responsabilidade que nasceu a partir da nossa história. Quando Anna Seghers escreveu o romance, os refugiados tinham muita dificuldade em encontrar um país que os aceitasse, e foi essa dificuldade que levou à criação das leis de asilo alemãs. Que estão agora a ser restringidas, talvez mesmo abolidas, mas que precisamos, hoje mais do que nunca, que sejam cumpridas. Estamos a ver o regresso das mesmas ideias e dos mesmos conceitos que levaram aos desastres da década de 1940, pessoas que falam de nação, fronteiras, identidade... E toda essa discussão está presente em *Transit*, mas não precisei de a por em primeiro plano. O filme fala por si próprio sobre estes temas, e não precisa de explicações.”

É também por isso que *Transit* encerra ao som da *Road to Nowhere* dos *Talking Heads* – “porque precisávamos de uma canção que de algum modo abrangesse todos os refugiados, todos aqueles que estão numa situação específica. Não era o fim que Christian Petzold tinha pensado — “queria fazer uma coisa como o final da minha série televisiva preferida de sempre, *Os Sopranos*, em que um corte abrupto a negro deixava tudo em suspenso. Mas depois senti que era preciso algo mais. E ouvi o *Road to Nowhere* na rádio, e pareceu-me perfeito. Começa como uma canção gospel, e diz-nos que estamos sempre em trânsito, sem saber para onde vamos, sem termos lar ou casa onde pertençamos, e que isso pode não ser assim tão horrível. Que pode haver algo de bom nesse trânsito.”

[Público, Jorge Mourinha]

A man and a woman are shown in a close embrace, looking out of a window. The man is in the foreground, wearing a light-colored long-sleeved shirt, and the woman is behind him, wearing a dark jacket. They are positioned in front of a window that looks out onto a body of water and a distant shoreline with buildings. The lighting is soft and natural, suggesting a calm, intimate moment.

★★★★★ LES INROCKUPTIBLES

« As interpretações profundamente sentidas de Franz Rogowski - o Joachin Phoenix alemão - e Paula Beer contrabalançam com uma ligeira falta de carne e encarnação (...) que fazem de *Transit* um thriller contemplativo mais próximo das obras de Buñuel ou Oliveira do que um filme de guerra tradicional. »

EMILY BARNETT

★★★★★ LA CROIX

« É nessa sobreposição de duas épocas, que ecoam na actualidade, que o cinema de Christian Petzold atinge a sua máxima potência, apesar de um formalismo um tanto desencarnado. »

CÉLINE ROUDEN



★★★★★ LIBÉRATION

« O realizador alemão Christian Petzold cria uma ficção hipnótica e perturbadora em torno das perambulações dos seus heróis fugitivos. »

ELISABETH FRANCK-DUMAS

« Este incandescente e existencialista *Transit* noir, de Christian Petzold, é talvez o melhor filme sobre a Segunda Guerra Mundial desde o *Livro Negro* de Paul Verhoeven, mesmo se depender de uma suspensão da descrença, o que será muito difícil para alguns. Ao adaptar o romance homónimo de Anna Seghers de 1944 (baseado nas experiências do autor fugido de uma Alemanha nazi para França e depois para o México), Petzold refaz a história num cenário flagrantemente anacrónico, uma espécie de filme não-histórico que se estende entre o passado e o presente. Um ambiente contemporâneo, mas onde nem os computadores nem a internet são retratados, o que às vezes transporta a história para um tipo de realismo mágico opressivo. »

STEVE MACFARLANE, SLANT MAGAZINE



“Já percebi que estão a dizer que este *Transit* é uma mistura de Kafka com *Casablanca*. Parece-me bem: aliás o romance de Anna Seghers tinha uma citação de Kafka que eu fiz questão de manter. O meu filme é verdadeiramente um melodrama kafkiano. Curiosamente, em 1939 ela escreveu o romance *A Sétima Cruz*, que deu direito a uma adaptação de Hollywood, com Spencer Tracy. Apesar de ser comunista, a Anna adorava cinema americano e o agente que tratou de *A Sétima Cruz* chegou a informá-la de que *Casablanca*, o filme, estava na forja! Diria que há elementos de *Transit* que poderão ter inspirado o filme de Curtiz... É claro que não há provas disso...”. conta ao DN enquanto fuma um cigarro eletrónico. Mais à frente fala-nos da decisão de levar esta história para os nossos dias: “Com isso não estou a fazer nenhum tipo de equação espaço-temporal que diga que o passado é igual ao presente. A minha decisão passou por querer fazer um distanciamento horizontal. Uma distância temporal por exemplo entre a Europa e os EUA, mas, ao mesmo tempo, operar também uma distância vertical, ou seja, aquele ponto em que as pessoas podem ficar presas no tempo. Esta história de refugiados que a Anna Seghers escreveu talvez consiga servir como um simbólico acordar brutal da Alemanha.

Não esquecer que a lei do asilo político aqui na Alemanha nasceu de uma necessidade de aprender com os erros e devido ao sentimento de culpa que ainda carregamos. O problema é que essas leis que permitiam receber sem condições exilados estão a ser cada vez mais retalhadas...”.

*Transit* tem leituras óbvias com as questões atuais políticas, em especial com o ressurgimento das novas vozes fascistas. Talvez por isso, os fantasmas do passado têm de estar no presente. E a própria voz off que ouvimos é muito diferente da de Bruno Ganz em *As Asas do Desejo*: “Pois é”, diz a concordar: “é mais terrena e materialista. É um empregado de bar que observa os refugiados. Sou dos acredita que os melhores contadores de história estão sempre fora do centro das atenções. Com esta narração queria aludir à tradição oral. Depois de conhecermos esta história um de nós terá de passá-la para outras pessoas. Só que este nosso narrador não é de fiar muito - imagina beijos que nunca acontecem”.

[*Diário de Notícias*, excerto de entrevista, por Rui Tendinha]



★★★★★ CRITIKAT.COM

« *Transit* apresenta-se como um filme novo de grande coerência, como aliás a restante filmografia de Christian Petzold, ao mesmo tempo em que sugere um possível ponto de viragem na sua obra: os fantasmas da história raramente estiveram tão vivos. »

MAËL MUBALEGH

« Há aqueles que tratam o melodrama como uma palavra suja, mas nenhum outro realizador lhe confere uma reputação tão limpa quanto o realizador alemão Christian Petzold, cujo extraordinário anti-histórico filme experimental, fica registado como o seu filme mais conceptual e ousado até à data. Um retrato de refugiados que utiliza o artifício para, de alguma forma, aterrar num lugar de penetrante acuidade emocional. Na adaptação do romance de Anna Seghers (1942), corre um risco quase descarado (...) »

GUY LODGE, VARIETY



« *Transit*, como o título sugere, é sobre o estado de não se estar nem aqui nem acolá, um lugar aonde ainda não se chegou, mas também donde ainda não se partiu. No que talvez seja um golpe de magia ou truque teórico, Petzold iguala essa condição com nada mais nada menos que a arte de contar histórias em que cada rosto conta a sua própria história. Nesta constelação, uma canção de infância pode, de repente, transformar um adulto potencialmente ameaçador numa criatura afectuosa e amorosa. (...) Inesquecível e hipnotizante, Rogowski é ideal para o papel de Georg. »

**BOYD VAN HOEIJ, THE HOLLYWOOD REPORTER**

« Se qualquer adaptação contemporânea de um trabalho histórico é uma fusão inata de perspectivas passadas e presentes, *Transit* é sobre tornar essa ideia visível, no sentido em que se propõe ver o que acontece quando se volta a um momento e um lugar específico (...) Como tem sido o caso de Petzold, o oblíquo e o ambíguo acabam sempre por se revelar mais devastadores que o aberto e o directo. »

**JAMES LATTIMER, CINEMA SCOPE**

## FICHA ARTÍSTICA

Franz Rogowski  
Paula Beer  
Godehard Giese  
Lilien Batman  
Maryam Zaree  
Barbara Auer  
Mathias Brandt  
Sebastian Hülk  
Emilie de Preissac  
Antoine Oppenheim  
Ronald Kukulies,  
Justus von Dohnányi  
Alex Brendemühl  
Trystan Pütter

## FICHA TÉCNICA

Argumento - Christian Petzold  
Adaptação Livre do Romance "Transit" de Anna Seghers  
Director de Fotografia - Hans Fromm BVK  
Montagem - Bettina Böhler  
Direcção de Arte - K.D. Gruber  
Figurinos - Katharina OST  
Maquilhagem - Kitty Kratschke, Sonia Salazar Delgado  
Chefe Eletricista - Christoph Dehmel  
Casting - Simone Bär, Joanna Delon  
Som - Andreas Mücke-Niesytka  
Música - Stefan Will  
Engenheiros de Som - Dominik Schleier, Christian Conrad  
Mistura de Som - Martin Steyer  
Direcção de Produção - Dorissa Berninger, Juliette Lambours  
Assistentes de Realização - Ires Jung, Andreas Meszaros  
Produzido por Caroline von Senden, Andreas Schreitmüller,  
Olivier Père, Rémi Burah  
Produtores - Florian Koerner von Gustorf  
Co-Produtor - Antoine Dedet, Michael Weber  
Realização de Christian Petzold  
Com o apoio de Medienboard Berlin-Brandenburg, BKM, FFA,  
Eurimages, CNC, Région Provence-Alpes-Côte D'azur, Cinémas du  
Monde, Creative Europe Media  
Vendas Internacionais - The Match Factory  
Distribuição - Leopardo Filmes